

“EU GOSTO DE SUBIR MONTANHA”

O alpinista Maximo Kausch está prestes a completar uma façanha inédita: subir os 104 cumes de mais de 6 mil metros da América do Sul – de quebra, já desbravou 11 topos andinos virgens. Um desafio repleto de situações extremas, ruínas incas e descobertas científicas

FOTO: DIVULGAÇÃO/PEDRO HAUCK

“NOS
ÚLTIMOS
OITO ANOS,
NÃO TIVE UM
LUGAR QUE
PUDESSE
CHAMAR DE
CASA”



Logo ali, apenas um quilômetro à frente, estava o cume. Era um extenso platô de pedras cinzentas, mal encoberto por um fino tapete de neve. Nas grandes altitudes, porém, as distâncias são elusivas – um quilômetro pode ser o mesmo que uma maratona. O termômetro marcava 20 graus negativos. O vento branco, assim chamado por carregar lufadas de neve, era de 70 km/h. Tão perto de conquistarem a maior montanha nunca escalada da Cordilheira dos Andes, o grupo teve de se sentar e fazer uma escolha. “Eram 2 horas da tarde, a trilha para o pico tomaria ainda três horas”, lembra Maximo Kausch, o mais destacado guia de alta montanha do Brasil. A caminhada havia começado às 3 da madrugada, com mochilas de 13 quilos nas costas. A última refeição, eles tinham feito na noite anterior – uma rala porção de comida liofilizada. Exaustos, precisavam decidir: seguiam até o topo? “Chegar ali tinha sido muito, muito cansativo”, ele conta.

Quando Kausch diz que algo foi cansativo, é razoável acreditar. Aos 35 anos, entre todos os alpinistas do planeta ele é provavelmente aquele que mais escalou montanhas acima de 5,5 mil metros de altitude, consideradas as escaladas extremas. Isso graças a um ritmo quase desumano, que chegou a 30 ascensões em dois meses na primavera de 2012. Ao todo, Kausch esteve em mais de 200 cumes com essa medição – o que seria um recorde mundial, segundo Eberhard Jurgalski, uma das mais respeitadas autoridades em informação sobre montanhas e consultor do *Guinness book* para o assunto. A lista inclui 11 expedições aos Himalaias, na Ásia.

Mas a meta que se transformou em uma obsessão para o alpinista, na verdade, tem sido outra. Kausch está próximo de um feito inédito de primeira grandeza para o montanhismo: escalar as 104 montanhas de mais de 6 mil metros da Cordilheira dos Andes. Ou seja, subir todos os pontos máximos da América do Sul. Ele já completou 73 deles. Desde que começou o projeto, em 2010, se lançou em mais de 20 expedições pela região. A próxima acontece entre outubro e dezembro, quando deve riscar mais 12 colossos do mapa – e assim terminar os maiores cumes da Argentina e do Chile, o que, em si, também é algo que ninguém realizou. Se tudo der certo, faltarão apenas 19, todos eles escaladas bastante técnicas e difíceis, a serem vencidos até 2018.

SÃO PAULO: “FOI UM CHOQUE”

É o projeto mais ambicioso de uma carreira repleta de conquistas. Kausch nasceu na Argentina, em General Belgrano, um vilarejo de imigrantes alemães ao sul de Buenos Aires. Os



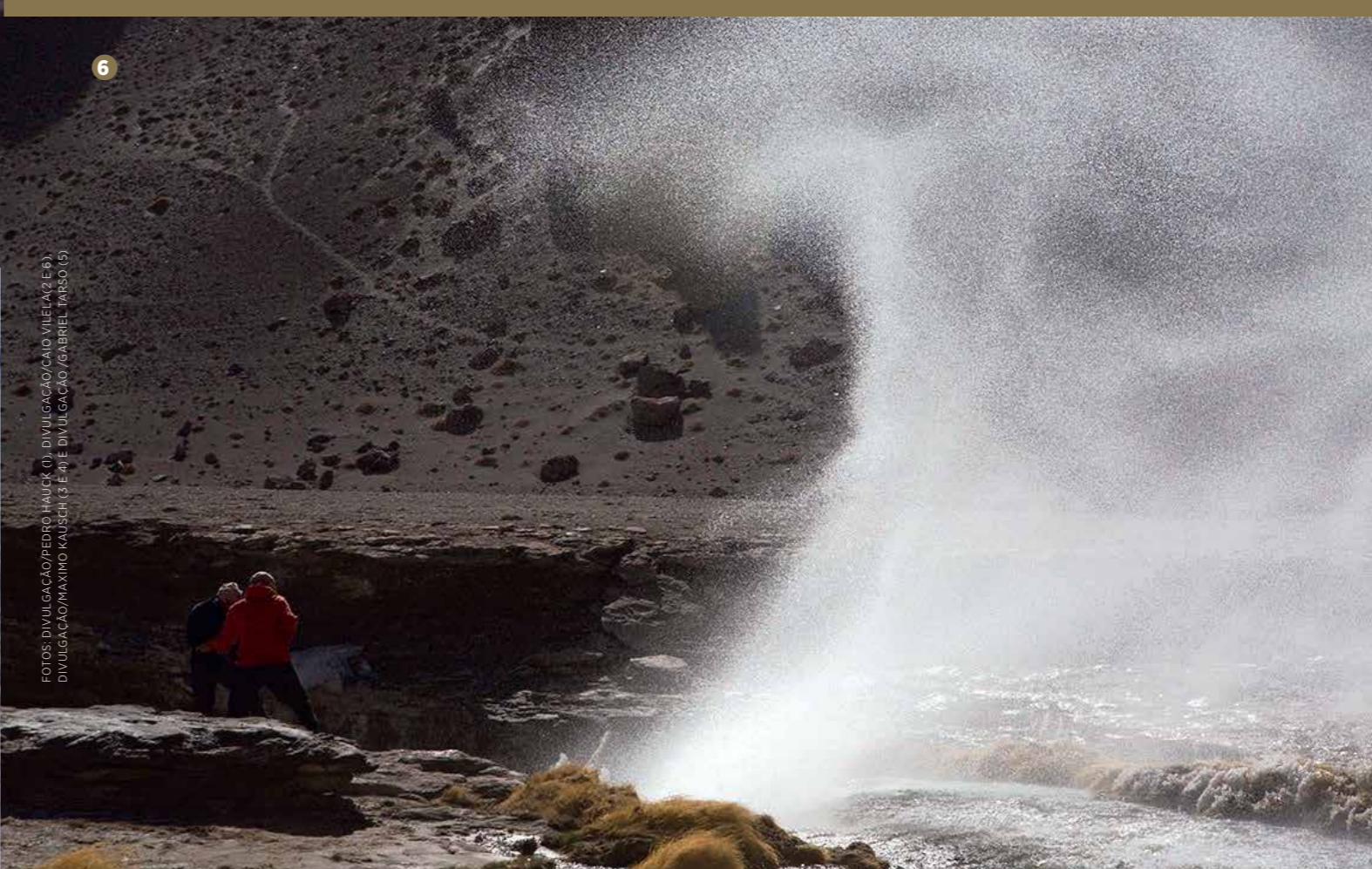
avós paternos chegaram adolescentes, para escapar da guerra na Europa. “Lá a gente avistava alguns picos nevados no horizonte, eu me sentia curioso”, lembra Kausch. Aos 10 anos, ele se mudou com os pais e uma irmã para um apartamento na caótica e fumacenta avenida São João, no centro de São Paulo. “Foi um choque, eu nunca tinha visto um prédio, nunca tinha visto uma pessoa negra”, diz. “Ao chegar, liguei a televisão e estava passando o programa do Bozo. Eu só conseguia pensar: Caramba, que país estranho.”

Não seria moleza assimilar aquele gosto infantil de não pertencimento. Kausch, ao longo de vários anos, se recusaria a falar português. Teria dificuldade para fazer amigos nos colégios que frequentou. “Passei a vida escolar na sala da diretoria, por causa das brigas”, conta – agora com sotaque quase imperceptível. Sempre levada pelo emprego do pai (no setor de óleo e gás), a família se mudaria outras vezes, para cidades como Mogi das Cruzes, Teresópolis e Volta Redonda. O jovem Kausch achava aqueles lugares sem graça. Quando não estava na escola, trabalhava como office boy para ajudar a mãe, professora de espanhol. Um dia, eles se instalaram em Itatiba, perto de Campinas. Ali, aos 15 anos, o rapaz teria a primeira experiência em escaladas. “Peguei a máquina de costura de minha mãe e fiz uma cadeirinha [os cintos que dão segurança ao escalador].” Seriam expedições modestas, em paredões de pedra da região de Atibaia e Bragança Paulista.



1. KAUSCH DESCE A MONTANHA CHAUPI ORCO (6.044 METROS), NO PERU; **2.** O ALPINISTA (DE VERMELHO) E A CIENTISTA BRITÂNICA SUZIE IMBER, NO TRECHO FINAL DA SIERRA DE ALISTE, NO CHILE. **3.** FOTO TIRADA POR KAUSCH A CAMINHO DO CUME DO OJOS DEL SALADO, O MAIOR VULCÃO DO MUNDO (6.893 METROS), NO CHILE. NA IMAGEM, CLIENTES DE UMA EXPEDIÇÃO ORGANIZADA POR ELE, EM MARÇO DE 2015;

4. CAMINHADA ATENTA DURANTE A DESCIDA DO REMOTO PICO POLACO (5.985 METROS), NOS ANDES ARGENTINOS; **5.** A VISTA OESTE, NO ALTO DO ACONCÁGUA (6.961 METROS), PONTO CULMINANTE DA AMÉRICA DO SUL E MAIOR MONTANHA DO MUNDO FORA DA ÁSIA; **6.** UM FLAGRANTE NA EXPEDIÇÃO PELOS ANDES: VENTOS DE ATÉ 200 KM/H FAZEM RETROCEDER A ÁGUA QUE CAÍA EM UMA CACHOEIRA



FOTOS: DIVULGAÇÃO/PEDRO HAUCK (1), DIVULGAÇÃO/CAIO VILHELA (2 E 6),
DIVULGAÇÃO/MAXIMO KAUSCH (3 E 4) E DIVULGAÇÃO/GABRIEL TARSO (5)



Em uma dessas viagens adolescentes Kausch conheceu Pedro Hauck, um jovem geógrafo interessado em expedições de aventura. Os dois virariam parceiros pela vida afora – Hauck era um daqueles extenuados desbravadores, na montanha do início do texto. Aquele grupo (que incluía o alpinista Jovani Blume), por fim, acabaria por concluir a aventura. Eles chegaram aos 5.823 metros do cume às 4 e 30 da tarde, no dia 2 de novembro de 2015. Lá do alto, avistaram o Bonete Chico (6.720 metros), o Peñas Azules (6.222 metros) e outras cristas da Puña Acata-meña, no extremo norte da Argentina. Viram a paisagem por 5 minutos. Tiraram fotos, espalharam ali as cinzas do alpinista Paulo Roberto Felipe Schmidt, morto no ano anterior, a quem homenagearam dando o nome de Monte Parofes ao local. Em seguida desceram, para alcançar as barracas pouco depois da 1 da madrugada. Era uma das 11 montanhas virgens que Kausch desbravaria na cordilheira (veja ao lado).

GAMBIARRAS NO GOOGLE EARTH

Também ao lado de Hauck ele fez sua primeira viagem “de verdade”, aos 17 anos: 17 mil quilômetros de caronas pela América do Sul, do Pico do Aconcágua à cidade de Ushuaia, o extremo sul do continente. Mais tarde, eles se tornariam sócios na Gente de Montanha, a maior agência de escaladas do país – ela leva,

segundo Kausch, mais clientes às grandes altitudes (270 por ano) do que as concorrentes nacionais somadas.

Em 2001, o alpinista se mandou para a Inglaterra. Lá passou sete anos e fez de quase tudo: reparou linhas de trem, atuou como web designer, recolheu copos em bares e por fim virou instrutor de escalada. Importava mesmo levantar algum dinheiro e escapar para as alturas. “Eu trabalhava por quatro meses e ficava oito no Tibete”, conta. Em 2005, ele debutou como guia nos Himalaias, levando turistas ao Everest e ao vizinho Lhotse. Seria um batismo difícil. O saldo: uma morte, um cliente paralisado por uma fratura nas costas, outro com 12 ossos do pé quebrados, uma avalanche no acampamento 1 e outra, ainda pior, no 3. Se isso o abalou? Kausch passou a guiar expedições todo ano à região. A partir de 2008, não morava mais na Inglaterra nem em lugar algum. Emendava expedições. O Nepal era o mais próximo que podia chamar de casa – e essa condição seminômade duraria até setembro passado.

Sua atenção começou a se voltar à América do Sul em 2008. Naquela época, meio sem pretensão, ele começou a fazer alguns cálculos estatísticos. Eram fórmulas que chamava de “gambiarras”. Kausch extraía dados topográficos do Google Earth e plugava em planilhas que criava no Excel. Queria saber quantos picos de 6 mil metros existiam nos Andes, sua cordi-

Os cumes virgens

Nas aventuras pelos Andes, Kausch escalou 11 picos que nenhum alpinista havia subido. Abaixo, ele relembra os mais marcantes.

1 “No **Loma Colorada** fizemos uma das descobertas mais interessantes do projeto. No cume, percebemos que não éramos os primeiros a pisar ali: havia uma ruína inca. A montanha era virgem apenas nos últimos 500 anos.”

2 “No **Morado**, entre os dois cumes principais, encontramos ventos que quase nos ergueram do chão. Naquele dia fez muito frio: o líquido anticongelante do carro congelou e o motor quase acabou fundindo. Para voltar, tivemos de dirigir por 75 quilômetros em um terreno acidentado até uma estrada, que estava a 185 quilômetros da primeira cidade.”

3 “O **Sierra de Aliste** se destaca na paisagem. Fizemos a escalada por duas rotas: parte da equipe subiu por uma crista na face nordeste, enquanto eu segui por uma rampa de neve pelo meio da montanha. Ao descer, encontramos o acampamento destruído por ventos de 110 km/h.”

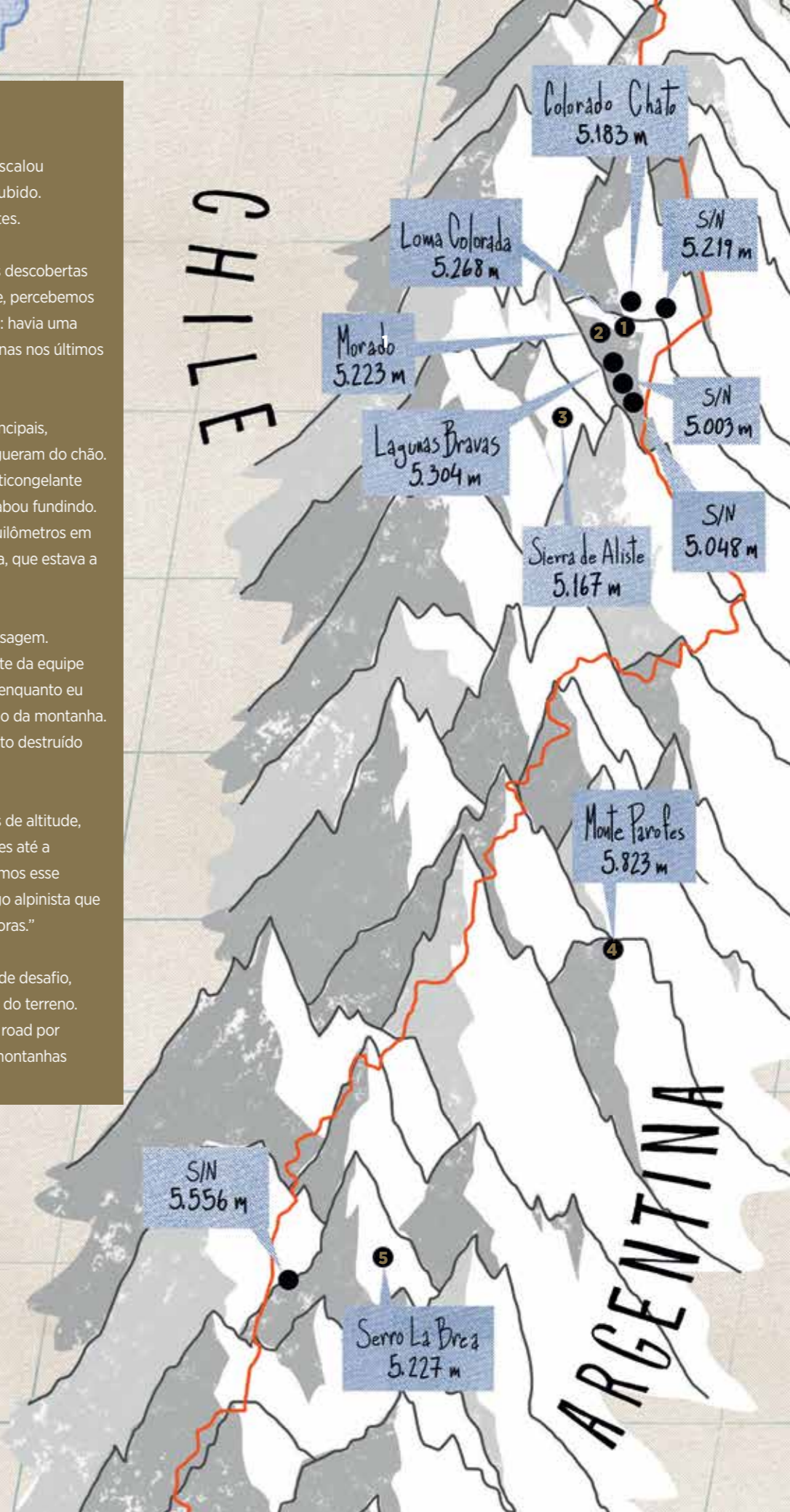
4 “O **Monte Parofes**, com 5.823 metros de altitude, era a maior montanha virgem dos Andes até a escalarmos, em novembro de 2015. Damos esse nome a ela em homenagem a um amigo alpinista que faleceu em 2014. A escalada levou 21 horas.”

5 “O **Cerro La Brea** se revelou um grande desafio, devido às dificuldades na aproximação do terreno. Foram mais de 200 quilômetros de off road por trechos traiçoeiros de gelo, cristas de montanhas e ventos de mais de 75 km/h.”



S/N: cumes ainda sem nome

FOTOS: DIVULGAÇÃO/GRACE McDONALD E MAPA: DANIEL ALMEIDA



lheira natal. Os registros, até então, se baseavam em medições de décadas atrás. Kausch elaborou uma definição daquilo que poderia ser considerado montanha nos Andes, que acabou aceita por Jurgalski e outras referências em montanhismo (a saber: são picos que, em relação ao solo, se elevavam pelo menos 7% da altura total da montanha). Assim, ele chegaria ao número de 104 picos – as definições anteriores falavam em 117. “Foi minha primeira descoberta científica na região”, diz.

MEDIDA EXATA

A gambiarra tecnológica, porém, levava dias para digerir os milhões de dados associados a cada cume. Até que, numa ascensão do Ama Dablam, em 2011, Kausch falou sobre esse problema a uma cliente de nome Suzie Imber. A jovem britânica, apaixonada por remo e escaladas, era doutora em física espacial e realizava cálculos para missões da Nasa. Deslumbrada pela mentalidade científica do guia, Suzie embarcou no projeto. “O que levava um mês e meio para calcular, ela faz em quatro minutos”, diz Kausch.

O aventureiro, de fato, tem uma cabeça meio de cientista maluco. Tal qual a cadeirinha, ele também produziu seus primeiros grampões e piquetas de escaladas. Kausch mantém mapas, desenhos e diários detalhados de suas andanças. Tem feito uma série de contribuições à ciência em áreas como a cartografia, a arqueologia e a medicina (veja ao lado). É capaz de citar, de cabeça, a medida exata de centenas de montanhas – faz isso, de fato, o tempo todo. Também pontua a conversa com observações sobre as árvores, os pássaros ou as rochas ao redor.

Ao mesmo tempo, parece meio inapto a tarefas simples, ligadas à vida mundana. Kausch não tem conta em banco, pela simples razão de que não consegue reunir os documentos, como comprovantes de renda e residência. Não sabe de cor o endereço do apartamento onde mora desde o início de setembro, em Curitiba. Lembrou-se do próprio aniversário apenas uma semana depois da data, em março passado. “Ele não gosta das cidades e do mundo corporativo”, diz a amiga Suzie. “Kausch não cresceu nesse ambiente, não consegue compreendê-lo direito.”

O alpinista tirou o “projeto 6 mil metros” do papel em 2010, em uma viagem para o Ojos del Salado (6.893 metros), o vulcão mais alto do mundo, no Chile. No ano seguinte, dividindo o tempo entre os Himalaias e a América do Sul, ele concluiu mais uma dezena de cumes andinos. O auge da missão sul-americana seria a primavera de 2012. Sem ter pilotado uma moto, Kausch decidiu comprar uma Honda Tornado preta usada, no interior da Argentina. Para estreá-la, percorreu 1.500 quilômetros rumo a São Pedro do Atacama, no Chile. Capotou algumas vezes, passou dois

O propósito científico

Kausch aproveita as trilhas e escaladas pelos Andes para fazer importantes contribuições à ciência

ARQUEOLOGIA

Kausch já se deparou com 260 ruínas arqueológicas, quase todas incas e algumas de povos pré-incas. Pelo menos três delas, na província argentina de Catamarca, não haviam sido catalogadas. Suas marcações permitiram a descoberta de rotas inéditas para o projeto Qapaqñam, que mapeia os deslocamentos dos incas pela América do Sul.

CARTOGRAFIA

Kausch tem aperfeiçoado os mapas de relevo da América do Sul, usando dados coletados por um GPS que mantém ligado nas escaladas. “Algumas montanhas tinham erros de até 100 metros no registro da altitude do cume”, ele diz. O guia também publica as rotas para os picos, em mapas que incluem fontes de água, possíveis perigos e locais de refúgios.

MEDICINA

O alpinista colabora com um projeto da Harvard Medical School (EUA) que leva o nome de SCAT. Kausch coleta amostras de solo, rochas e fezes de animais das grandes altitudes. Elas são usadas por cientistas que analisam as bactérias presentes nesses ambientes, para encontrar cepas mais resistentes e melhorar os atuais antibióticos.

ESTUDO DO CLIMA

Kausch também coleta amostras de gelo nos Andes, para colaborar com um projeto chamado Adventure Science. Essas amostras contêm isótopos radioativos de acidentes nucleares ocorridos em diferentes períodos históricos. Através da análise dessas partículas, é possível medir a velocidade de afinamento dos glaciares.

OBSERVAÇÃO DA TERRA

O guia irá instalar um radiômetro em um cume dos Andes. Esse aparelho mede a energia térmica irradiada pela superfície do planeta. Essas informações serão cruzadas com dados de satélites que passarão sobre o equipamento, para calibrar instrumentos usados nessas missões espaciais. É uma parceria com a Leicester University, da Inglaterra.



FOTO: DIVULGAÇÃO/GABRIEL TARSO

dias em uma vala se recuperando de uma queda, mas saciou a sede da Cordilheira. “Comprei a moto para um teste psicológico”, conta. “Fiquei três semanas isolado do mundo, sem sinal humano. O único traço de civilização que via eram os satélites que passavam no céu à noite”, diz. “Kausch é uma pessoa incrivelmente independente, alguém que fica feliz na própria companhia”, explica Suzie. “Alguém que gosta de se mandar sem que ninguém saiba para onde está indo.”

Naquela solidão dos altiplanos de Sierra Nevada, o guia escalou em ritmo febril. Chegou a ascender dois picos de 6 mil metros em um mesmo dia. O projeto deslanchou. Entre setembro e outubro de 2012, ele riscou 30 picos da lista. Ao final daquele ano, atingiu a marca de 59 montanhas e quebrou o recorde dos 6 mil metros na cordilheira. “Sinceramente, não estou nem aí para essas coisas, só registrei no Guinness porque os clientes gostam”, diz. “Os projetos, os recordes...”, Kausch faz uma pausa. “A verdade é que são desculpas; eu faço o que faço simplesmente porque gosto. Eu gosto de subir montanha.”

Nos anos seguintes, ele combinaria o desafio com a atividade de guia e empresário, que mantém na Gente de Montanha e na Andes Specialists, outra marca que criou para levar turistas às grandes altitudes. “Guiar expedições é o que faço para ganhar dinheiro. O ritmo de evolução do projeto dos 6 mil

metros depende de quanto tempo posso dedicar a ele”, explica. Nesse embalo, Kausch seguiu emendando viagens entre os Andes e os Himalaias, com algumas passagens pela Europa. “Faz oito anos que não tenho uma casa. Acho que o lugar em que mais fiquei nesse período foi Katmandu, no Nepal.” A última etapa sul-americana aconteceu em agosto: Kausch subiu mais três montanhas na Cordilheira Blanca, no Peru.

Prestes a se tornar uma espécie de rei dos Andes – o que talvez já seja –, Kausch agora parece seduzido por uma aventura diferente de tudo o que já fez. Acredite: ele está em busca de uma rotina. Desde setembro, decidiu se fixar em um apartamento de Hauck, em Curitiba. “Quero me estabilizar”, ele diz. “Estou organizando uma equipe de guias para trabalhar para mim. Não vou parar de escalar, mas diminuir o ritmo.”

É curioso como, tantas vezes, damos valor àquilo que não possuímos. “Minha ambição agora? Talvez estudar medicina; uma vez eu amputei o dedo de um cliente... Quero ter uma namorada, acordar e saber que vou passar um café.” Para quem a vastidão das montanhas sempre foi uma sala de ginástica, sabe-se lá como, até a mecanicidade de uma academia tem feito Kausch exultante. “Penso até em comprar um apartamento em Curitiba”, conta. “Mas acho que precisaria de comprovantes de renda, não?” ■